

21/06/2013 - 00:00

Nabokov e a felicidade

Por **Francisco Quinteiro Pires**

[/sites/default/files/qn/13/06/foto21cul-101-nabokov-d28.jpg](http://sites/default/files/qn/13/06/foto21cul-101-nabokov-d28.jpg)

Nabokov: em livro sobre ele e em coletânea de contos o ficcionista surge com uma visão de mundo avessa à perversidade

Em janeiro, um grupo denominado cossacos cristãos pichou "pedófilo" na parede do Museu Nabokov, em São Petersburgo. O vandalismo ocorreu uma semana depois do lançamento de uma garrafa a uma janela da instituição, localizada no imóvel onde o escritor Vladimir Nabokov nasceu em 1899. A garrafa continha um bilhete com a seguinte mensagem: "A ira de Deus". Ao mesmo endereço, durante os seis meses anteriores, haviam chegado cartas que classificavam "Lolita" (1955), o romance mais conhecido de Nabokov, como "amoral".

Esses ataques constituem uma prática antiga. Ao longo da sua carreira e depois da sua morte, em 1977, Nabokov foi associado a imoralidade e insensibilidade. O seu estilo de contar histórias, oblíquo e alusivo, influenciou a percepção de que o autor se importava pouco com as tragédias pessoais e os eventos históricos que as provocaram. "Nabokov nunca foi indiferente ao sofrimento", afirma Brian Boyd, o seu biógrafo. "A sua fórmula para a arte se define como a soma de beleza e compaixão."

O lançamento simultâneo de dois livros no Brasil apresenta uma perspectiva menos focada em moralidade. Tanto em "Contos Reunidos" como em "O Encantador: Nabokov e a Felicidade", publicados pela Alfaguara, o ficcionista surge com uma visão de mundo avessa à perversidade. Nabokov havia enfatizado essa característica no posfácio de "Lolita" ao explicar: "Uma obra de ficção só existe na medida em que me proporciona o que chamarei sem rodeios de prazer estético, isto é, a sensação de que de algum modo, em algum lugar, está conectada a outros estados da existência em que a arte (a curiosidade, a delicadeza, a gentileza, o êxtase) é a norma".

Em "O Encantador: Nabokov e a Felicidade" (296 págs., R\$ 42,90, trad.: José Luiz Passos), a ensaísta Lila Azam Zanganeh, que vai à Festa Literária Internacional de Paraty (Flip), em julho, define Nabokov como "um escritor alegre, diferente da imagem de um criador torturado". Os livros nabokovianos podem servir como uma fonte de prazer, pois configuram uma tentativa de concentrar em detalhes a beleza misteriosa da existência, "definida

como universos múltiplos de matéria e escuridão". Lila confirmou essa percepção ao conversar com o escritor americano John Updike (1932-2009) e com Dmitri (1934-2012), o filho único de Nabokov. Updike declarou em diferentes ensaios que "a felicidade é um tema recorrente" na obra do escritor russo.



[\(/sites/default/files/qn/13/06/foto21cul-102-nabolcov-d28.jpg\)](#)A ensaísta Lila o

define como "escritor alegre"

Em um dos capítulos de "O Encantador", livro elogiado por Orhan Pamuk e Salman Rushdie, Lila relaciona a felicidade à conquista de consciência. Nascida na França e filha de pais iranianos, ela diz ter sido criada em uma cultura que transformou o conhecimento em sinônimo de decepção e amargura. Para fugir às amarras do ensino francês, Lila, hoje com 36 anos, escreveu o seu livro de estreia em inglês. A escolha de outra língua é um dos pontos comuns entre a autora e Nabokov, que redigiu "Lolita" também em inglês.

"A origem do desejo de escrever sobre Nabokov é a nostalgia", diz a ensaísta, radicada em Nova York. Quando adolescente, ela ouvia a mãe - exilada da Revolução Iraniana (1979) - ler em voz alta trechos de "Speak, Memory" (1951), a autobiografia de Nabokov. Outro livro de cabeceira era "Ada ou Ardor: Uma Crônica de Família". Esta ficção, publicada em 1969, apresenta o relacionamento passionai entre dois irmãos num país fictício, uma mistura de Rússia e Estados Unidos, onde se falam inglês, russo e francês. "Pode ser confortável a identificação com apenas uma cultura", afirma. "Mas pessoas como Nabokov e a minha mãe foram forçadas a viver entre línguas. Elas se reinventaram para sobreviver no exílio."

"Contos Reunidos" (832 págs., R\$ 89,90, trad.: José Rubens Siqueira) reflete a experiência de Nabokov como expatriado. Escritas entre o início dos anos 1920 e meados dos 50, as 68 histórias da coletânea figuram "entre suas obras mais acessíveis", escreveu Dmitri no prefácio. Nascido em uma família aristocrática muito rica, Nabokov saiu da Rússia por ocasião da Revolução Bolchevique (1917). Morou em diferentes países europeus. Em 1940, ele se estabeleceu nos EUA para evitar a perseguição nazista. Vera, sua mulher, era judia.

De acordo com Dmitri, essas narrativas breves, boa parte publicada pela primeira vez no Brasil, revelam em graus variados as agruras do desterro. "Talvez o tema mais profundo, mais importante, presente ou subjacente, seja o desprezo de Nabokov pela crueldade - a crueldade dos humanos, a crueldade do destino - e, nesse caso, os exemplos são numerosos demais para citar", escreveu o filho do escritor.

Brian Boyd compartilha a opinião de Dmitri, de quem foi amigo. "Muitas histórias transmitem o sofrimento com extrema comoção", diz. Outras narrativas antecipam temas que Nabokov desenvolveria com um estilo mais oblíquo em romances posteriores. "Uma História para Crianças' aborda aspectos de 'Lolita', enquanto 'As Irmãs Vane' mostra situações de 'Fogo Pálido'."

Em um dos ensaios de "Stalking Nabokov" (Columbia University Press), seu livro mais recente, Boyd comparou as obras de Nabokov e Machado de Assis, apesar de não existir nenhuma indicação de que o autor russo tenha lido o brasileiro. "Quando aproximo os dois, cito com frequência os contos. Quem ama as histórias de Machado deve sentir o mesmo pelas de Nabokov." No texto, publicado pela revista "Serrote", ele mostra que a ficção de

ambos é marcada pela metalinguagem. Os seus narradores se dirigem aos leitores e são pouco confiáveis. Para Boyd, a dupla teria defendido valores como amor, diversão e generosidade ao representar a crueldade em suas manifestações mais brutais.